



O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 7528 | Salvador, terça-feira, 11.09.2018

Presidente em exercício Euclides Fagundes



SETEMBRO AMARELO

Caixa passa a perna e paga PLR incompleta

Página 3

Temer inviabiliza o progresso da nação brasileira

Página 4

O papo é sobre adoecimento

O assunto é sério e merece atenção. Como parte do *Setembro Amarelo*, mês de prevenção ao suicídio, o Sindicato realiza, sábado, uma palestra para falar sobre assédio e adoecimento psicológico na categoria bancária. A atividade está marcada para as 8h30, no Teatro Raul Seixas.

Página 2



Palestra discute o adoecimento

Atividade acontece sábado, no Sindicato, a partir das 8h30. Marque presença

RENATA LORENZO
imprensa@bancariosbahia.org.br

A ROTINA diária nas agências é de pressão para bater metas inatingíveis e assédio mo-

ral e os bancários têm adoecido por conta disso. Sábado, às 8h30, palestra discutirá as consequências das doenças psicológicas na categoria. O evento será no Teatro Raul Seixas, na sede do Sindicato da Bahia, nas Mercês, Cidade Alta.

Para enriquecer o debate, a procuradora do Trabalho Ana Emília Albuquerque e as médicas Suerda Fortaleza de Souza (Cesat) e Cristiane Maria Galvão Barbosa (Fundacentro) participam da atividade, que faz parte do *Setembro Amarelo*, mês de prevenção ao suicídio.

Fica cada vez mais evidente que os bancos se importam apenas em aumentar a lucratividade. Cuidar da saúde dos bancários, seja mental ou física, não está entre as prioridades das empresas.

Além da palestra no sábado, o Sindicato dos Bancários da Bahia faz ampla campanha de prevenção ao suicídio e as doenças psicológicas decorrentes do trabalho durante todo este mês. A entidade considera de extrema importância as ações do *Setembro Amarelo*, principalmente porque a categoria é a terceira em número de suicídios no país, atrás apenas dos policiais e médicos.

TEMAS & DEBATES

A ruptura gera a besta

Rogaciano Medeiros *

A crescente violência política que o país amarga estava escrita nas estrelas. A passionalidade, os insultos extremados, as ameaças e o tom agressivo na esfera reservada ao debate de idéias e projetos descambariam, inevitavelmente, para a campanha eleitoral. Atentados a tiros na caravana de Lula pelo Sul e no acampamento de Curitiba (PR), ameaças e agressões a candidatos em vias públicas, confrontos constantes entre simpatizantes desse e daquele presidencializável, agora o incidente de Juiz de Fora (MG) com Bolsonaro. Onde vamos parar?

Os sinais sempre foram claros e a omissão das autoridades, especialmente a Polícia Federal, na apuração dos casos com rigor e punição exemplar dos responsáveis, ou melhor, irresponsáveis, ajuda a reforçar o sentimento de impunidade e a estimular a besta. Agora, resta saber se as elites reacionárias, que controlam o Judiciário, o Legislativo, o Executivo e a mídia, vão continuar com essa imbecilidade de incentivo ao ódio e a intolerância. Instrumentalizar a violência é igual a brincar com fogo.

O agravamento da crise política e econômica, todo esse caos que o Brasil vive hoje, começa pouco antes das eleições gerais de 2014, quando a direita, após três derrotas seguidas nas urnas, resolveu apostar na desestabilização do sistema como tática para reconquistar o poder. Diante de mais um fracasso eleitoral com a reeleição de Dilma, o processo se agudiza e atinge patamar mais elevado com o golpe jurídico-parlamentar-midiático de 2016, através de um *impeachment* sem crime de responsabilidade.

Naquele momento, a ruptura institucional, mais uma vez promovida pelas mesmas oligarquias de sempre - desde a época da Independência -, eternamente antidemocráticas e autoritárias, abriu espaço para os mais variados tipos de aventuras, abusos e excepcionalidades. A violência política não se resume aos tiros em Lula ou na fachada em Bolsonaro.

O desprezo à democracia, as agressões à Constituição, o desrespeito às regras, a partidarização do Judiciário, o uso escancarado da Justiça e da mídia para favorecer grupos políticos e criminalizar adversários, a recusa em cumprir os tratados internacionais, o espírito escravagista das elites nativas e a violação à vontade popular estão na raiz de toda a violência política, que agora explode em tiros e fachadas.

Na falência da racionalidade, o árbitro sempre toma conta. Para combater essa velha doença nacional, o único remédio é o Estado democrático de direito. Em altas doses. Antes que o tumor se espalhe pelo corpo.

* Rogaciano Medeiros é jornalista
Texto com, no máximo, 1.900 caracteres

Passo para privatização da Eletrobras

APÓS aprovação na CCJ (Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania), segue para o Senado o projeto que viabiliza a privatização de seis distribuidoras de energia controladas pela Eletrobras.

De iniciativa do Poder Executivo, o PLC 77/2018 foi modificado na Câmara Federal e no Senado. Também passou pelas Comissões de Assuntos Econômicos e de Infraestrutura.

Em fim de "carreira", o governo quer urgência em aprovar o projeto enquanto sobrevive. Vale lembrar que as companhias podem ser leiloadas, ainda que o projeto não seja aprovado, já que estão sem contratos de concessão vigentes.

O desmonte já começou. A Eletroacre (Companhia de Eletricidade do Acre), as Ceron (Centrais Elétricas de Rondônia) e a Boa Vista Energia foram arrematadas no dia 30 em leilão promovido pelo BNDES



(Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Em julho, foi vendida a Cepisa (Companhia de Energia do Piauí).

O objetivo do governo é ampliar as privatizações e vender a Amazonas Energia e a Ceal (Companhia Energética de Alagoas).

Caixa paga só 70% da PLR

Ultimato. Instituição tem até o próximo dia 20 para complementar o benefício

RENATA ANDRADE
imprensa@bancariosbahia.org.br

DE FORMA incorreta, a Caixa pagou apenas 70% da primeira parcela da PLR (Participação nos Lucros e Resultados) dos empregados. O trabalhador que paga pensão alimentícia recebeu somente 50%, na última quarta-feira. Absurdo. Para atender ao acordo coletivo, a instituição financeira deve complementar o benefício no dia 20.

O pagamento da PLR na Caixa é composto pela regra básica da Fenaban (Federação Nacional dos Bancos). Consiste na soma de 90% da remuneração base do empregado, vigente em 1º de setembro deste ano, com o valor fixo de R\$ 2.355,76, limitado a R\$ 12.637,50. Já a parcela adicional representa 2,2% do lucro líquido do banco, dividido pelo número total de trabalhadores, em partes iguais, até o limite individual de R\$ 4.711,52.

A PLR Social do funcionalismo da Caixa é equivalente a 4% do lucro líquido, distri-



buidos linearmente para todos. Mesmo que a soma da PLR Fenaban e PLR Caixa Social não atinja o teto, será garantida, na parcela complementar, até uma remuneração base

(proporcional aos dias de efetivo exercício em 2018) a todos os empregados. Limitado ao somatório das parcelas Fenaban e Caixa a 15,25% do lucro líquido ajustado.



Financiários cobram e a Fenacrefi volta a negociar. Garantia da CCT e aumento real são as prioridades

Financiários voltam às negociações

AS NEGOCIAÇÕES da campanha salarial dos financiários retomam no próximo dia 18. A mesa entre o Comando Nacional e a Fenacrefi (Federação Interestadual das Instituições de Crédito de Financiamento e Investimento) está marcada para as 10h30, em São Paulo.

Antes, no dia 17, o Comando se reúne às

14h30, para alinhar as questões centrais. Além de manter a CCT (Convenção Coletiva de Trabalho), os financiários querem discutir o aumento real para a categoria.

Os trabalhadores cobram a manutenção de direitos, como a homologação, taxa negocial, além de cláusulas econômicas e sociais para a categoria.

Acordo aditivo do Santander será avaliado hoje

OS FUNCIONÁRIOS do Santander da base do Sindicato da Bahia devem comparecer à assembleia na sede da entidade hoje, às 18h, para avaliar o Acordo Coletivo de Trabalho e do aditivo à Convenção Coletiva de Trabalho (2018/2020).

Na ocasião, as propostas do acordo coletivo sobre o PPRS (Programa de Participação nos Resultados Santander) e dos termos de compromisso da Banesprev e Cabesp, também serão analisadas pelos trabalhadores do banco espanhol.

A renovação do acordo aditivo do Santander por dois anos é considerada um avanço, pois prevê aumento do PPRS para R\$ 2.550,00 para todos os funcionários, que será pago com a segunda parcela da PLR. O movimento sindical conquistou a prorrogação do acordo coletivo de trabalho 2016/2018, o do PPRS 2016/2017, revisões e respectivos termos até quinta-feira.

Com Temer, faltam recursos para ações

Cerca de 200 programas estão sem dinheiro desde o golpe dado em 2016

ILANA PÉPE
imprensa@bancariosbahia.org.br

APÓS o golpe jurídico-parlamentar-midiático, as camadas mais pobres do país estão em total descaso. A austeridade de Temer levou ao corte de verbas de mais de 500 ações, passados quase nove meses de 2018. Desde 2016, cerca de 200 programas estão sem dinheiro.

A falta de recursos compromete construções de hospitais, penitenciárias, sis-

tema de alerta de desastres naturais, compra de medicamentos de portadores de doenças raras e preservação de patrimônio histórico e natural.

Mais de R\$ 9 bilhões previstos em 2018 para essas ações ainda não foram pagos. Para este ano, estão previstos mais de 1.585 programas federais no orçamento.

Falta dinheiro para institutos de saúde para mulheres e crianças, assim como um centro de desenvolvimento de insumos para o SUS (Sistema Único de Saúde). A previsão era que fossem investidos R\$ 25 milhões, mas até agora nenhum centavo. A escassez afeta também os centros de ensino, pesquisa e o acervo histórico e natural do país.

Uma das áreas mais importantes do país, a saúde sofre com o contingenciamento.

Sem recursos e, para piorar, com a EC 95, a população, sobretudo, mais carente, fica desassistida



Crianças são 20% dos intoxicados

DO TOTAL de 25 mil casos notificados pelo Ministério da Saúde, entre 2007 e 2014, sobre contaminação por agrotóxico

na população brasileira, 20% são crianças. O dado mostra a vulnerabilidade dos jovens que vivem nas zonas rurais e a falta de limites para o uso das substâncias em alimentos consumidos pelas pessoas.

Segundo informações do Atlas Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia, nem mesmo os bebês de zero a 12 meses escapam. Foram registrados 343 casos, uma média de 42 a 43 por ano.

Em meio à campanha do *Setembro Amarelo*, mês de prevenção ao suicídio, segundo registros do Ministério da Saúde, mais de 300 crianças entre 10 e 14 anos tentaram tirar a própria vida através da ingestão de venenos de uso agrícola. Realidade preocupante.



Agrotóxicos, um risco à segurança alimentar



SAQUE

Rogaciano Medeiros

COLATERAL Evidentemente, a vítima merece todo apoio e votos de pronta recuperação, independentemente de questões políticas, ideológicas ou de qualquer outra natureza. O incidente com Bolsonaro, quinta-feira, em Juiz de Fora (MG), expõe os riscos e a bestialidade de todo o ódio e intolerância que, ultimamente, as elites reacionárias nativas, com o apoio irresponsável da mídia, tanto têm destilado. Com certeza, a violência política não interessa à democracia e muito menos ao povo.

EQUILÍBRIO A situação brasileira demanda sérios cuidados. Violência gera violência, sim. Dizer o contrário é muita irresponsabilidade. O momento exige equilíbrio e espírito público, por parte do Estado e da sociedade, para evitar que o episódio de Juiz de Fora (MG) abra o canil da cadela do fascismo. Nessas horas, o melhor remédio é a democracia, é o Estado de direito.

LAMENTÁVEL Comportamentos que em nada contribuem para a democracia: a notícia falsa que o senador Magno Malta (PR-ES) plantou nas redes sociais com a montagem do agressor de Bolsonaro em ato de Lula, e as declarações dos filhos da vítima – Flávio e Eduardo – de que “agora vamos ganhar no primeiro turno”. Só fazem atizar as rivalidades e estimular as especulações.

ATITUDE A irresponsabilidade do vice de Bolsonaro, general da reserva Hamilton Mourão, de acusar o PT, sem provas, pelo ataque ao presidencialismo do PSL, eleva o clima de ódio e intolerância. O momento é delicado. A nação exige uma atitude imediata das autoridades, com investigação séria sobre o incidente em Juiz de Fora e o peso da lei contra os que estimulam e ajudam a espalhar a violência.

DIFERENÇA As principais lideranças das forças progressistas fizeram questão de expressar solidariedade a Bolsonaro e condenar a violência política. Mas, no ataque a tiros à caravana de Lula, no Sul do país, a situação foi bem diferente. Em vez de apoio, o ex-presidente recebeu críticas, chacotas. De vítima virou culpado. Taí a diferença entre a esquerda e a direita.

IRONIA No Brasil onde o Judiciário violenta a democracia e despreza a vontade popular para atender interesses alienígenas, o candidato da extrema direita, Jair Bolsonaro (PSL), torna-se vítima da intolerância e do ódio em uma cidade chamada justamente Juiz de Fora. Ironia da história?